



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ISOLAMENTO PREDESTINADO: A DESCOBERTA DA SOLIDÃO GAY¹

Jhonatan Leal da Costa - UEPB²

QUANDO A SOLIDÃO ACONTECE...

O romance *Mosaicos Azuis Desejos*, publicado em 2011 pelo escritor paraibano Antonio de Pádua Dias da Silva, e a pequena narrativa “Terça-feira gorda”, inserido na quarta obra de contos de Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados* (1982), correspondem a um tipo de representação que tem se repetido nas obras desses autores e nas de outros ficcionistas provenientes da literatura de temática gay: a do sentimento de solidão vivenciado por homoafetivos.

Consenso entre sociólogos como Zygmunt Bauman (2008) e Alberto Oliva (2000), o isolamento social e o estado de desamparo surgem como um dos males mais opressores e aterrorizantes dos sujeitos da contemporaneidade³. Não obstante, todos somos obrigados a experimentar sensações de abandono pontuadas ao longo de toda a existência. Não estamos imunes às despedidas, aos términos de relacionamentos, nem às perdas de entes queridos. Não conseguimos determinar se seremos aceitos, se desejarão a nossa companhia ou se impedirão os outros de nos excluirmos. Sorrateira, a solidão perpassa diferentes instâncias atreladas a mecanismos da sociedade ocidental e por etapas inerentes à condição humana.

Quando se trata de sujeitos homoafetivos, as qualidades de *ser* ou *estar* sozinho podem ser potencializadas pelo simples fato de eles serem quem são: transgressores das

¹ A versão estendida da problemática desse trabalho foi apresentada na dissertação de mestrado “Solidão e homoafetividade em *Mosaicos Azuis Desejos*, de Antonio de Pádua” (2014). Nessa ocasião, porém, apenas o texto do escritor paraibano foi considerado nas análises.

² Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

³ Sabemos do entrave relacionado às noções de “Modernidade”, “Modernidade tardia” e de “Pós-modernidade”. Tais nomenclaturas, no entanto, abrangem discussões mais aprofundadas, que, por motivos atrelados exclusivamente ao objeto escolhido e ao espaço de debate, não serão contempladas neste estudo. Adotamos, por este motivo, as terminologias “contemporâneo” e “contemporaneidade”, livres das problematizações vinculadas às definições de moderno e pós-moderno.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

normas sexuais definidas como modelo pela hegemonia social. É o que verifica Françoise Dolto (1998, p. 244), que, em estudo sobre a solidão do gênero humano, afirma ter encontrado nos homoafetivos as pessoas mais solitárias. Nesse viés, os gays possuiriam maior predisposição a padecer das sensações de desamparo em prol dos considerados heterossexuais.

Ao erigirem narrativas que apresentam personagens gays protagonistas, Antonio de Pádua⁴ e Caio Fernando Abreu desenham um quadro de representações convidativas de uma investigação acerca da relação entre a “homoafetividade” e a “solidão” companheira desses seres inventados.

Estariam os gays criados por Antonio de Pádua e Caio Fernando Abreu fadados ao abandono, como propôs Dolto ao categorizar os homoafetivos como sendo as pessoas mais solitárias, ou seriam eles apenas vítimas de uma solidão que, de acordo com Bauman, compreende todos os indivíduos da contemporaneidade? Será que, apesar de estarem solteiros, o desamparo experimentado pelos protagonistas das duas narrativas possui alguma relação com o lugar que eles ocupam na sociedade representada? Para responder a essas questões é preciso, antes de tudo, descobrir quais possibilidades interpretativas são ditadas pelas obras.

A ideia é que, se forem constatados vínculos entre a condição de sujeito gay e a solidão instaurada nos homoafetivos representados em *Mosaicos Azuis Desejos* e “Terça-feira gorda”, poder-se-á falar em *solidão gay*, caracterizada pela injunção ao isolamento físico e/ou psíquico dos identificados pela orientação sexual homo. Caso contrário, a solidão será neutra, comum a qualquer indivíduo, e o gênero de pertença do protagonista não interferirá nas resultantes obtidas das análises.

A decisão de trabalhar com esses textos se justifica pelo fato da literatura de temática gay ainda ser ignorada pela crítica literária, a qual a classifica como categoria à parte, menor, por trazerem representações da cultura e das peculiaridades vinculadas ao universo homoafetivo. O estudo de textos literários de temática homoafetiva é

⁴ Desde a publicação de *Mosaicos Azuis Desejos* (2011) Antonio de Pádua Dias da Silva não tem assinado seus sobrenomes, fazendo uso apenas do nome composto. Optaremos por, ao longo deste trabalho, seguir esse modelo instituído pelo escritor em análise.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

importante porque sugere uma leitura de sentidos que vigoram nos discursos de sujeitos gays e sobre esses, atores sociais ainda tão ignorados pelos grupos acadêmicos.

PERSONAGENS EXILADAS

Os seres ficcionais que desfilam ao longo do romance *Mosaicos Azuis Desejos* e do conto “Terça-feira gorda” são criaturas insatisfeitas, em busca de alguém ou alguma coisa que preencha a lacuna de suas carências. Seja na procura de um novo amor, um sexo descompromissado ou por meio da afirmação pública de sua própria identidade sexual, essas personagens não se cansam de agir como sujeitos em falta.

É nessa “arena” de confrontos ideológicos que se aloca o protagonista de *Mosaicos Azuis Desejos*. Batizado de Mário (assim como o *de Andrade*, poeta de homoafetividade bastante especulada⁵), ele é um homem de trinta e seis anos, gay e professor do curso de Letras em uma universidade de Campina Grande - PB. Dividida em 61 capítulos não-lineares, a narrativa inicia quando Mário finaliza seu namoro com um de seus ex-alunos, Charles. O término do relacionamento é suficiente para o professor assumir um estado profundamente melancólico: “Eu te quero, Charles! Mesmo tendo tentado tirar minha vida, depois que soube que estavas a sair com outro, me abandonando no leito, me forçando à solidão”. (PÁDUA, 2011, p. 61).

O protagonista de “Terça-feira gorda”, por sua vez, é um sujeito do qual não temos conhecimento do nome, apesar de também ser representado como alguém sozinho (ele surge desacompanhado no início da trama). O conto narrado em primeira pessoa não demora a expressar que o condutor da história é um homem, o qual se diverte em uma tradicional festa de rua: o carnaval. A primeira ação dramática exposta pelo narrador é, justamente, a ruptura da solidão em que a personagem principal se encontra, através da aproximação de um rapaz que festejava em meio à multidão: “Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos,

⁵ Sobre os questionamentos referentes à vida sexual do escritor modernista, consultar o livro de Moacir Werneck de Castro: *Mário de Andrade – Exílio no Rio*, publicado pela editora Rocco (1989).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto”. (ABREU, 2000, p. 57).

Se para Mário a solidão aparenta surgir após o término de um relacionamento amoroso, para o protagonista de “Terça-feira gorda” ela parece ser exterminada após seu contato com um desconhecido. A medida em que Mário prossegue em buscas desenfreadas de minar a sensação de desamparo (ao realizar uma troca continuada de parceiros sexuais), a personagem principal de Caio Fernando Abreu também decide recorrer ao imediatismo da concretização do desejo: “Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já nesse instante”. (ABREU, 2000, p. 57).

Os dois homens apresentados no conto se unem e saem juntos em meio aos demais foliões que não toleram a sexualidade do casal. “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam”. (ABREU, 2000, p. 57). Os olhos vigilantes da patrulha heterossexual são curiosos, maledicentes e estão por toda parte, inclusive representados na outra narrativa, alocados na universidade em que Mário leciona: “Todos começaram a me olhar diferente, mesmo sem nunca terem chegado, naquele tempo, perto de mim para confessar-me o motivo da indiferença”. (PÁDUA, 2011, p. 29). Desta maneira, assim os homoafetivos de Caio Fernando Abreu, o professor criado por Antonio de Pádua não demora a ter sua conduta sexual transformada em pauta de conversas do setor público, a sua orientação íntima questionada, depreciada e julgada como um fator de diferença, inserindo-o em um campo de inferioridade.

Mário é uma personagem desolada, devastada e solitária. Seu discurso sempre carregado de súplicas e suas ações de desespero – como a tentativa fracassada de tirar a própria vida dando um tiro contra a cabeça – estimulam o leitor a lamentar o fato do protagonista não ter encontrado pessoas que o compreendessem e cultivassem relações para com ele. Com o término do namoro, a ausência de Charles também transforma em ausência o amor que o professor deveria sentir por si mesmo, pela sua vida, por sua integridade física e emocional.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O protagonista de “Terça-feira gorda”, por outro lado, vivencia o amor de carnaval como uma forma de pôr um fim em seus momentos de solidão, sem medo de expor e vivenciar o seu desejo homoafetivo. “Foi então que percebi que não usávamos máscara”, confessa o narrador, referindo-se ao adorno carnavalesco e, também, a genuinidade com que suas personagens manifestam seus sentimentos socialmente recriminados. (ABREU, 2000, p. 58). Fora do salão em que ocorria a festa carnavalesca, os dois rapazes encontram a praia, o lugar aparentemente mais propício para dar vazão a volúpia daquele instante: “A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro”. (p. 59). Na vivência plena da homoafetividade, a solidão já não era sentida pelas referidas personagens.

A MORTE FAZ COMPANHIA

Mais do que desejar aplacar o próprio infortúnio causado pela solidão, Mário vislumbra na morte uma capacidade de fazê-lo assumir o controle perdido no momento em que fora abandonado por Charles. Se não pode continuar a influenciar o ex namorado, induzindo-o a ficar com ele, e se já não possui o poder de determinar os acontecimentos em que a sua vida lhe lança, sempre conduzindo-o a espaços, pessoas e estados emocionais aleatórios, que ele tenha o poder de controlar, ao menos, o dia em que esta vulnerabilidade irá cessar.

Eu queria morrer ao mesmo tempo que queria me crucificar. Eu queria a morte quando meu coração pulsava de vida. Vontade de despetalar os buquês imaginados e trazidos em bilhetes com a assinatura dele: C.A. Andei quilômetros dentro dos meus medos e senti o frio do que é ser abandonado. (PÁDUA, 2011, p. 52).

Esse fragmento do capítulo 14, “Quando um homem se inquieta por amor”, traz mais uma associação de Charles (C.A.) com o sentimento de solidão e, desta vez, com o desejo de morte experimentado por Mário, o qual desabafa ter percorrido “quilômetros” dentro de seus medos – muitos deles atrelados à insegurança gerada pela falta de



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

confiança nos outros, visto ter sofrido homofobia, inclusive, pelos membros de sua própria família.

O término do relacionamento com Charles, por outro lado, configura no romance uma morte de “segundo grau” vivenciada pelo protagonista. No dizer de Bauman (2008, p. 66), esta seria uma experiência estimulada pela ruptura de vínculos humanos, em que o assassinato do sujeito é registrado de maneira figurada. “Por trás de cada morte metafórica, ocultam-se agentes humanos, quer seja possível ou não estabelecer e provar no tribunal a existência de intenções dolosas. A ruptura de um vínculo pode ocorrer ‘por consentimento mútuo’, mas raramente, se é.”

No capítulo 61, “Paisagem final”, o último do romance, Mário, enfim, dá concretude a suas reflexões e realiza sua segunda tentativa de deixar o mundo. O dia escolhido, dessa vez, é o “dia universal” dos solitários: um sábado. O espaço planejado para o crime é o seu próprio apartamento, minuciosamente organizado para a ocasião.

Cartas de Charles coladas nas paredes, bilhetes de amor espalhados pelo chão, presentes que marcaram o tempo, o espaço e o relacionamento do casal dispostos como peças de um mosaico, prontos para expressarem a “paisagem final” resultante de um namoro fracassado. Até a preocupação de Mário com o corpo que logo não passará de matéria inerte é evidenciada no banho tomado e no perfume utilizado antes de ingerir um líquido letal e atentar contra si.

Se em vida o amor que sentia por Charles fazia Mário martirizar-se avaliando a rejeição sofrida, na morte a distância entre os dois deixa de ser uma escolha e transforma-se em condição. Saber que não precisaria mais estar à mercê da vontade de Charles torna-o livre. A solidão encontrada na morte já não o atormenta. Sem mais depender da aceitação alheia, Mário pode, enfim, ser feliz consigo mesmo.

Em contrapartida, “Terça-feira gorda” apresenta a morte como uma imposição, não como uma escolha. No instante em que os foliões homoafetivos se enamoram na areia da praia, um grupo de homofóbicos os surpreende de maneira brutal:

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. (ABREU, 2000, p. 59).

Assistir o companheiro ser agredido por conta de sua homoafetividade conduz o protagonista do conto a um sentimento de não pertença social, de isolamento, de solidão: “Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos”. (ABREU, 2000, p. 59). Ainda que a personagem gay estivesse com várias pessoas ao seu redor, elas não eram suficientes para aplacar o seu desamparo, pois traziam com elas as ideologias da intolerância e do ódio para com os que desfrutam do livre amor entre iguais.

A SOLIDÃO GAY

Em *Mosaicos Azuis Desejos*, além de seduzir o homoafetivo com a promessa do término dos dias de dor, a morte representa o último estágio a ser alcançado pelo sujeito gay em decorrência de sua solidão. Nesse ponto, é interessante atentarmos para o fato de que na obra, os héteros são pintados como sujeitos livres, detentores de poder e atores com os que não se portam como eles: “Não admitem a tua verdade, mas a convicção deles. E caçam de tua pequena liberdade, riem da tua tragédia” (PÁDUA, 2011, p. 12). Fator recorrente, também, em “Terça-feira gorda”: “Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar”. (p. 58).

Ao passo que os heterossexuais representados nas duas narrativas se unem para estigmatizar, ridicularizar e penalizar os diferentes, os gays são obrigados a vivenciar calados e sozinhos o martírio não compartilhado: “Tu estás, então, deitado e chorando, ouvindo as palavras duras de teu pai, os nervos de tua mãe querendo te entender, o medo de tua irmã que está na iminência de te perder”. (PÁDUA, 2011, p. 12).

Assim, fica claro que, nas obras em análise, a solidão não se configura da mesma forma entre sujeitos gays e héteros. Sabemos da existência de uma solidão que tende a atingir todos os humanos da contemporaneidade, como evidenciou Bauman (2008). Também não negligenciamos a solidão imanente ao homem, defendida por Freud



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

(1973) e Dolto (1998). Não podemos, apesar disso, desprezar as evidências apresentadas pelo romance *Mosaicos Azuis Desejos* e pelo conto “Terça-feira gorda” e tratarmos a solidão vivenciada pelos homoafetivos representados como uma que poderia ser igualmente experimentada por um sujeito heterossexual.

Ao partimos do que já foi constatado, principalmente no que se refere à descoberta de que o sentimento de solidão experimentado pelos protagonistas reside na *exclusão* e na homofobia (sentimento de exclusão reforçado, no caso de Mário, pelo último abandono sofrido por ele), percebemos que o desamparo condutor do suicídio do professor e a violência física sofrida pelo folião de “Terça-feira gorda” não teriam tomado proporções tão drásticas se eles atendessem ao padrão exigido pela ditadura heterossexista:

Atirei uma única vez em mim mesmo, caí feito abacate que se machuca, racha, se arranha, mas permanece inteiro, embora com o caroço a se mover no oco do centro do fruto. Estou inteiro ou já sou um fragmento desvitalizado, torto, não natural, incomodado? (PÁDUA, 2011, p. 46).

Ao ter atirado contra si, Mário se pergunta se finalmente cumpriu a vontade da maioria heterossexual, que ao não respeitar sua subjetividade, o interpreta como um “fragmento desvitalizado, torto, não natural”. A metáfora utilizada por Antonio de Pádua, ao relacionar a morte a queda de uma fruta que “se machuca, racha, se arranha”, também é empregada, de maneira similar, no conto de Caio Fernando Abreu: “Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. [...] E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos”. (ABREU, 2000, p. 58).

O suicídio de Mário, nesse sentido, se relaciona mais com a homofobia sofrida que com o desamparo de Charles:

Parece que vou sangrar para ser oferecido em almoço. Levem, podem levar, eu deixo. Torçam meu pescoço, dobrem minhas asas, passem a faca junto ao gogó e deixem o sangue vaziar: vaza muito, forte, ligeiro, quente, para frente, escuro, ferruginoso. (PÁDUA, 2011, p. 213).

Ao bradar sobre a dor de estar só, ele não se dirige ao ex, mas a um grupo, uma totalidade: “Levem, podem levar, eu deixo. Torçam meu pescoço”. Assim, percebemos, mais uma vez, que longe de se estender a um único indivíduo, a dor sentida por Mário reside no abandono de uma coletividade negadora de sua homoafetividade.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Por não ser aceito, por ter sua subjetividade castrada desde a infância, por não encontrar companhia em seu próprio lar e por sempre ter carregado a difícil condição de ser diferente em uma sociedade que cobra um modelo heterossexual de vida, Mário chora, trai, mente, pragueja, lamenta, odeia, ama, arruína-se e se mata.

Para Blanchot (2003, p. 108), “aquele que se mata diz: Recuso-me ao mundo, não agirei mais. E o mesmo quer, entretanto, fazer da morte um ato, quer agir suprema e absolutamente.” Essa segurança inconsequente de Mário que irradia através de sua morte voluntária, exhibe a fraqueza controversa de quem é demasiado forte para não se sujeitar a vivenciar a condição de solitário predestinada ao homoafetivo pela cultura patriarcalista. Solidão que não é imposta as personagens heterossexuais representadas no romance, as quais geralmente estão em grupos, unidas, confabulando, como as também apresentadas em “Terça-feira gorda”, tão intolerantes que se acham no direito de espancar até a morte um sujeito pertencente a um gênero diferente do padrão hegemônico.

Para lidar com essas questões, defendemos uma vertente, uma estética, uma denúncia da *solidão gay* impressa, porém camuflada, no romance *Mosaicos Azuis Desejos* e no conto “Terça-feira gorda”. Essa não seria apenas a cunhagem de uma nova nomenclatura, mas não podemos negar que a amplitude do termo “solidão” submerge todo o aparato homofóbico fortemente alicerçado para dirigir as personagens aqui analisadas ao isolamento. A *solidão gay* é, desse modo, um registro mais justo para com a configuração peculiar da sensação de desamparo experimentada por esses protagonistas, consciente dos mecanismos preconceituosos que os induziram ao infortúnio. A *solidão gay* busca a desconstrução simplista de que a incompletude sofrida pelas personagens poderia ser proveniente de um mal contemporâneo, na medida em que reflete, em uma mesma terminologia, as diferentes maneiras do estado de abandono (entre homos e héteros) ser estruturada.

Se para o sujeito heterossexual a solidão decorre do isolamento físico, da ruptura de relações, ou da fragilidade com que os laços afetivos são construídos na atualidade, para os homoafetivos representados em *Mosaicos Azuis Desejos* e em



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“Terça-feira gorda”, ela se instaura no momento em que eles se percebem injustiçados e excluídos por serem detentores da subjetividade gay.

O FIM DA SOLIDÃO

Desenhados nas narrativas como sujeitos injustiçados e incompreendidos, os protagonistas de *Mosaicos Azuis Desejos* e “Terça-feira gorda” sofreram pela forma como o desejo gay era socialmente interpretado. A angústia produzida pela solidão, intensificada pelo rompimento amoroso ou pela violência homofóbica, aprofundaram emocionalmente suas condições de vítimas, corroborando o que Sánchez (2012, p. 146) afirmou ao tratar da representação de personagens homoafetivos na literatura brasileira: “A infelicidade parece ser, para todos eles, um fato inevitável e, em muitos casos, a consequência iniludível de seus desejos sexuais”.

Tamanha depreciação do sujeito homoafetivo por parte da sociedade patriarcal, culminou em uma espécie de abandono coletivo das personagens representadas. Para Mário, o suicídio foi a única alternativa encontrada para fugir da solidão, deixar de ser uma vergonha para seus familiares e sentir-se finalmente liberto do peso que a condição de ser homoafetivo lhe impusera. Morto, já não precisaria corresponder à ordem social opressora que lhe atribuía o *status* de abjeto. Na narrativa de Caio Fernando Abreu, no entanto, a morte e a solidão surgiram como punição aos homoafetivos que ousaram transgredir as normas heterossexistas e vivenciar o desejo gay.

Ficam, da representação da vivência dessas personagens, todos os momentos que se articularam, calcados na homofobia, para a configuração de uma degenerativa *solidão gay*. Solitários não por serem homoafetivos. Solitários por nascerem inseridos em uma sociedade intolerante, punidora daquele que ousa manifestar um desvio do padrão heterossexual. Enquanto conseguiram resistir ao exílio por ora físico, por ora psicológico, essas personagens escreveram suas histórias. Evidenciaram o pensamento de Dolto (1998, p. 191) sobre a necessidade que possui o solitário em ser um



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“masturbador” ininterrupto, sempre fazendo alguma coisa, sempre trabalhando com as mãos para esquecer que elas já não podem alcançar o ser amado.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1955.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade – Exílio no Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DOLTO, Françoise. **Solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.

SÁNCHEZ, Dario Gomes. **Perversos, bichas e entendidos – identidade homossexual no romance latino-americano**. Recife: Editora UFPE, 2012.

PÁDUA, Antonio de. **Mosaicos Azuis Desejos**. São Paulo: Giostri, 2011.

OLIVA, Alberto. **A solidão da cidadania**. São Paulo: SENAC, 2000.